

# A PERCEÇÃO DE PESSOAS SURDAS SOBRE OS DESAFIOS DA RECEPÇÃO MIDIÁTICA NA AUSÊNCIA DE ACESSIBILIDADE

## *LA PERCEPCIÓN DE LAS PERSONAS SORDAS SOBRE LOS DESAFÍOS DE LA RECEPCIÓN MEDIÁTICA EN AUSENCIA DE ACCESIBILIDAD*

### *DEAF PEOPLE'S PERCEPTION OF THE CHALLENGES OF MEDIA RECEPTION IN THE ABSENCE OF ACCESSIBILITY*

Juliana Linhares Brant Reis<sup>1</sup>  
Giovandro Marcus Ferreira<sup>2</sup>

#### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo compreender a percepção de pessoas surdas em relação à acessibilidade nos meios de comunicação e como isso interfere nas condições de recepção e produção de sentido. O estudo contempla a aplicação de questionário com pessoas surdas. Os resultados foram interpretados à luz da análise do discurso, com destaque para as contribuições de Eliseo Verón. A percepção dos participantes da pesquisa foi de que, apesar da existência de legislações que decretam a obrigatoriedade dos recursos de acessibilidade em toda a programação televisiva e nos portais do governo; apesar dos avanços tecnológicos que poderiam contribuir com a democratização da acessibilidade, as iniciativas são raras e as pessoas com deficiência auditiva permanecem excluídas do discurso e do processo comunicacional. Diante das demandas das pessoas surdas e dessa ausência de iniciativas da mídia tradicional, o Instituto Nacional de Educação de Surdos criou em 2013 a TV INES, uma webTV acessível para surdos e ouvintes. No entanto, em 2021 a TV encerrou suas atividades por falta de verba e a comunidade se viu novamente sem acesso à informação através dos meios de comunicação. Os participantes da pesquisa demonstraram que a TV INES era a única emissora acessível e que combatia os estereótipos a partir da representatividade e de um discurso para a diversidade. As questões levantadas no questionário foram reveladoras de produção de sentidos. E esses sentidos são marcados pela exclusão, negação de realidade e de cidadania, que são fomentados pela visão e construção de um capacitismo operante.

**Palavras-chave:** mediatização; recepção; produção de sentidos; surdos; TV INES.

#### **Resumen**

Este artículo pretende comprender la percepción de las personas sordas en relación con la accesibilidad en los medios y cómo esto interfiere en las condiciones de recepción y producción de significado. El estudio incluye la aplicación de un cuestionario a personas sordas. Los resultados se interpretaron a la luz del análisis del discurso, con énfasis en las contribuciones de Eliseo Verón. La percepción de los participantes en la investigación era que, a pesar de la existencia de legislación que establece las funciones obligatorias de accesibilidad en toda la programación televisiva y en los portales gubernamentales; A pesar de los avances tecnológicos que podrían contribuir a la democratización de la accesibilidad, las iniciativas son escasas y las personas con discapacidad auditiva siguen excluidas del discurso y del proceso de comunicación. Ante las demandas de las personas sordas y esta ausencia de iniciativas de medios tradicionales, el Instituto Nacional para la Educación de Sordos creó en 2013 TV INES, una webTV accesible para sordos y oyentes. Sin embargo, en 2021 la televisión cerró sus emisiones por falta de fondos y la comunidad volvió a quedarse sin acceso a la información a través de los

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA. Pesquisadora do grupo de pesquisas CEPAD - Centro de Pesquisas em Análise do Discurso e Mídia da UFBA. Mestra em Ciências, com ênfase em Saúde, Sociedade e Ambiente, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF (2017); Especialista em Docência no Ensino Superior, pela Universidade FUMEC (2012); Especialista em Mídia Eletrônica - Rádio e TV, pelo Centro Universitário de Belo Horizonte - UNI-BH. (2007); Bacharel em Comunicação Social/Relações Públicas pelo Centro Universitário Newton Paiva (2006).

<sup>2</sup> Professor Titular da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, na qual integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas; coordena o Centro de Estudo e Pesquisa em Análise do Discurso e Mídia (CEPAD) e o Centro de Estudo em Comunicação, Democracia e Cidadania (CCDC). Pesquisador com Bolsa PDE-CNPq (2022-2023) e com Bolsa Produtividade do CNPq (PQ).

medios. Los participantes de la investigación demostraron que TV INES era la única emisora accesible y que combatía estereotipos basados en la representatividad y un discurso a favor de la diversidad. Las preguntas planteadas en el cuestionario revelaron la producción de significados. Y estos significados se caracterizan por la exclusión, la negación de la realidad y la ciudadanía, que se fomentan mediante la visión y construcción de un capacitismo operativo.

**Palabras clave:** cobertura mediática; recepción; producción de significados; sordo; INES TV.

### **Abstract**

This article aims to understand the perception of deaf people in relation to accessibility in the media and how this interferes with the conditions of reception and production of meaning. The study includes the application of a questionnaire with deaf people. The results were interpreted in the light of discourse analysis, with emphasis on the contributions of Eliseo Verón. The perception of the research participants was that, despite the existence of legislation decreeing that accessibility resources are compulsory in all television programming and government portals, and despite technological advances that could contribute to the democratization of accessibility, initiatives are rare and people with hearing disabilities remain excluded from the discourse and the communication process. Faced with the demands of deaf people and this lack of traditional media initiatives, in 2013 the National Institute for Deaf Education created TV INES, a webTV accessible to both deaf and hearing people. However, in 2021 the TV ceased its activities due to lack of funding and the community once again found itself without access to information through the media. The participants in the survey showed that TV INES was the only accessible broadcaster that combated stereotypes through representativeness and a discourse on diversity. The questions raised in the questionnaire revealed the production of meanings. And these meanings are marked by exclusion, denial of reality and citizenship, which are fostered by the vision and construction of a working ableism.

**Keywords:** mediatization; reception; production of meanings; deaf people; TV INES.

## **1 Introdução**

As demandas de acessibilidade têm conquistado espaço nos debates públicos e, conseqüentemente, na criação de políticas que visam contribuir com a igualdade de direitos. Contudo, na prática, as ações ainda não contemplam as diretrizes propostas pela legislação e as demandas da sociedade. Para que a acessibilidade seja efetiva e não haja barreiras no acesso aos direitos humanos, é preciso ainda sensibilizar os diferentes segmentos da sociedade. O direito à inclusão se efetivará somente mediante programas sociais e políticas públicas que, por sua vez, vão traduzir os anseios em relação à acessibilidade e o campo da comunicação.

Mesmo diante de legislações que preveem a equidade no direito à comunicação e de sociedades e instituições mediatizadas, o acesso não é para todos. E ainda: ter contato com os dispositivos não significa ter domínio sobre seu uso, haja vista que algumas comunidades não se apropriam efetivamente do ciberespaço ou quando procuram se apropriar, percebe-se que o ambiente não foi pensado para elas, como é o caso das pessoas surdas, que muitas vezes precisam de recursos de acessibilidade para garantir o seu direito à comunicação.

Se não há uma igualdade no acesso, se os bens culturais se mantêm distribuídos de forma desigual, as diferenças também persistem, as relações seguem verticalizadas e os discursos continuam como disputa de poder. Se os discursos são construídos a partir dos

materiais simbólicos a que o sujeito tem acesso, a ambiência midiaticizada vai refletir as desigualdades e os preconceitos encontrados na sociedade. Em uma sociedade desigual, em que essa ambiência midiaticizada se apresenta como um espaço importante para a construção de mundo e de realidade social, é importante chamar a atenção para os sujeitos cujas identidades são marginalizadas ou estigmatizadas.

Diante desses apontamentos, esta pesquisa tem como objetivo compreender a percepção de pessoas surdas em relação à acessibilidade (ou à ausência dela) nos meios de comunicação e como isso interfere nas condições de recepção e produção de sentido.

## **2 Materiais e métodos**

Este estudo contemplou uma pesquisa de campo desenvolvida através de questionário que, após ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal da Bahia, sob o parecer de número 5.398.753, foi aplicado à distância com pessoas surdas maiores de 16 anos. O questionário e o TCLE apresentam tradução em Libras para atender às pessoas alfabetizadas em português e na Língua de Sinais. O formulário foi disponibilizado através de páginas destinadas a pessoas surdas no Facebook; e por whatsapp para grupos de pesquisa de universidades que trabalham com o tema da acessibilidade ou da inclusão. A pesquisa foi aplicada no ano de 2023 e contou com a participação de 21 sujeitos.

Os resultados contribuíram para a compreensão das necessidades e expectativas em relação ao direito à comunicação, ao acesso à informação, aos meios de comunicação. Também procuramos compreender quais os sentidos produzidos na ausência de acessibilidade e de representatividade.

O questionário é estruturado, composto por 30 questões, sendo que algumas perguntas são de múltipla escolha ou de escala Likert; outras são semiabertas, com a opção de marcar “sim” ou “não” e justificar a resposta; e algumas são abertas para respostas espontâneas. As fechadas são aquelas com características mais objetivas, em que as respostas não demandam muita explicação. As de escala Likert pedem uma avaliação de 1 a 5 para a acessibilidade dos canais de televisão na cobertura da pandemia. Já as questões abertas são as que envolvem compreender a opinião, a percepção ou o sentimento dos participantes, pontos fundamentais para a nossa análise. As onze perguntas iniciais são para conhecer o perfil do entrevistado, como idade, raça, gênero, escolaridade, se possui emprego e por qual forma prefere se

comunicar: se é oralizado, fluente em Libras, se faz leitura labial, se usa aparelho auditivo. Depois começam as questões relacionadas ao tema da pesquisa.

Para a interpretação e compreensão dos resultados, o método tem como ponto de partida a análise do discurso, sobretudo na perspectiva de Eliseo Verón. A análise do discurso busca observar a subjetividade da linguagem, envolvendo os signos e os significados inseridos em cada argumento, bem como em seu reconhecimento. A perspectiva, portanto, considera o contexto de determinado discurso, as modalidades do dizer, do que um discurso é constituído e o que é silenciado em cada narrativa; como os sentidos são produzidos, como as tecnologias são utilizadas e como tudo isso implica na constituição do social e do histórico.

### **3 Análise dos questionários: o que dizem as pessoas surdas sobre acessibilidade ou a ausência dela nos meios comunicativos?**

Na pesquisa de campo com as pessoas surdas, o objetivo foi entender as demandas de acessibilidade, inclusão e cidadania, a partir da perspectiva dos direitos humanos, do direito à comunicação, bem como conhecer os hábitos de consumo televisivo e de acesso à informação do público pesquisado. Procuramos compreender por quais meios se informam; como percebem a importância da representatividade em programas de televisão; se precisam de recursos de acessibilidade para acompanhar um programa audiovisual e como esses recursos costumam ser oferecidos na televisão e na internet.

As primeiras questões são destinadas a entender o perfil dos participantes. Sobre qual a melhor forma para se comunicar (Libras, leitura labial, oralidade), 17 pessoas responderam que preferem se comunicar por Libras, o que significa que uma conversa, aula ou programa de televisão sem intérprete, pode ser uma barreira. Onze participantes fazem leitura labial. É importante lembrar que no caso da leitura labial, as pessoas precisam estar de frente uma para a outra. Portanto, mesmo quando a pessoa tem o domínio da leitura labial, é necessário ter acesso aos recursos como janela em Libras e a legenda em português, para que essa pessoa possa acompanhar os diálogos.

Dez sujeitos leem e escrevem em português, o que reforça a importância das legendas em todos os conteúdos. Dos 21 participantes, um é oralizado, usa implante coclear e prefere a comunicação oral. Vale dizer que as pessoas que usam tecnologias auditivas também precisam de legenda porque os ruídos e a distância atrapalham a escuta e a compreensão da mensagem. Os surdos oralizados também costumam ter a leitura labial como apoio na comunicação. Dentre os participantes, 16 têm emprego; cinco não têm, sendo que desses

cinco, dois são estudantes de especialização e um é estudante universitário. A faixa etária deles varia de 19 até mais de 60 anos.

A partir da questão 10, começam as perguntas sobre o acesso aos meios de comunicação e a maioria delas é aberta. Os entrevistados, portanto, podem expor mais suas opiniões e descrever sobre seu consumo de informação e entretenimento. Aqui estão as questões que procuram entender o acesso à informação, os programas que assistem etc.

**Quadro 1:** Perguntas do questionário relacionadas ao acesso à informação (questões de 10 a 30)

10. Por quais **meios de comunicação** você se informa? Aqui você pode marcar mais de uma opção.
11. Por qual ou quais **programas** você se informa? Por favor, escreva o nome do programa e o canal ou site onde ele é transmitido.
12. Esse programa tem recursos de acessibilidade?
13. Você sente falta de recursos de acessibilidade em canais de televisão?
14. E na internet? Você sente falta de algum recurso de acessibilidade na internet?
15. Tem algum site ou canal de televisão que você considera exemplo de acessibilidade?
16. Qual programa de televisão você considera mais acessível?
17. Como é esse programa? É de informação ou de entretenimento? E quais recursos de acessibilidade ele utiliza?
18. Quais recursos são importantes para você?
19. Você assiste à TV INES?
20. Se você assiste à TV INES, considera que os recursos utilizados são suficientes para que você compreenda o conteúdo?
21. Qual a sua avaliação em relação à programação da TV INES?
22. Para obter notícias sobre a pandemia do COVID-19, onde você buscava ou busca informações? (Por favor, informe o nome do programa e o canal, site ou rede social).
23. O que você acha da cobertura da pandemia pelos canais tradicionais de televisão, como TV Globo, SBT, Record?
24. Sobre os programas de televisão em geral, você se sente representado (a) na programação?
25. O que você acha da representatividade ou da falta dela na programação televisiva (nas novelas, nos filmes, jornais, propagandas etc.)?
26. Você considera as redes sociais acessíveis?
27. Você conhece as Leis que tratam da acessibilidade nos meios de comunicação?
28. Se sim, você acha que essas normas são suficientes para que a população surda tenha acesso à informação, comunicação e cultura por meio da televisão?
29. Quais as suas expectativas em relação aos programas de televisão?
30. Por fim, como você se imagina daqui a 10 anos? E como a televisão pode te ajudar a alcançar essas realizações? Como a televisão pode te ajudar no acesso aos seus direitos?

**Fonte:** elaboração do autor

Ao perguntar por quais meios de comunicação eles se informam, com a possibilidade de marcar mais de uma opção, as respostas são: 18 entrevistados buscam informação nas redes sociais e em portais de notícias; dez participantes assistem mais à televisão; quatro têm o hábito de ler revistas; e apenas dois disseram ler jornal impresso.

A fim de entender melhor se os meios de comunicação disponibilizam conteúdos acessíveis ou não, o questionário contém perguntas sobre os recursos na internet e nos canais de televisão. Para explicar as respostas das perguntas 11 e 12, foi criada uma tabela, que apresenta os programas que as pessoas mais assistem em busca de informação e se neles são

encontrados recursos de acessibilidade. Os participantes aqui são denominados por números de 1 a 21, preservando o anonimato de cada um deles.

**Tabela 1:** questões 11 e 12

Participante	Por quais programas você se informa?	Esses programas oferecem recursos de acessibilidade?
1	Não assisto TV.	Legenda
2	Site: G1 e outros. Redes sociais: Instagram e WhatsApp	Instagram tem legenda automática, alguns tem intérpretes e outros informação direto em Libras. Pra mim melhor direto em Libras
3	Noticiário da Jovem Pan, CNN e artigos do site do padre Paulo Ricardo	Libras, legendas
4	Tudo de informação	Sim, na Rede TV.
5	Todos	Instagram e os programas de televisão, mas nesse meio de comunicação é muito raro ter janela com Intérprete de Libras
6	Youtube	Não
7	Não assisto.	Sempre tem janela de intérprete no dia da eleição.
8	Jornal Nacional, Instagram, Facebook, YouTube e demais sites.	Legendado e Intérprete de Libras
9	Jornal MGTV	Tem legenda e closed caption
10	Jornal Nacional, Jornal da TV Cultura. Sites Sobre cultura surdas tem vários, Jornal Hoje, Estado de Minas	Jornal da Cultura tem intérprete. Mas muito pequeno, as vezes ne perco um pouco.
11	Nenhum	Sem legendas
12	Google, G1, Record	A tv a cabo possui legenda para todos os canais, porém na minha casa a minha tv não tem
13	Telejornais da Globo e SPTV, Instagram, WhatsApp, YouTube e e-mails	Não
14	G1, Jornal O Tempo, Fantástico	Mais ou menos, legenda muito rápido e palavras formais eu desconheço
15	G1 na internet e Jornal da TV globo	Não tem tradução Libras/Port
16	Jornal Hoje (TV); BBC, O tempo; G1, El País, Brasil de Fato (Site)	Closed Caption, mas sempre atrasa por ser ao vivo.
17	Assisto mais série e filme no online	Netflix, HBO Max, Disney+ e Amazon Prime Video
18	WhatsApp	Sim, comunicação tecnológica de internet
19	CNN Brasil, uol, uai, globo, Instagram	Sim, legendas, mas não perfeita
20	Twitch, Youtube, Instagram, Google Meet e Teams	Sim, Youtube, Instagram, Google Meet e Teams
21	Record e TV Bahia	Não

**Fonte:** elaboração do autor

As questões 13 e 14 procuram entender se os participantes sentem falta de recursos de acessibilidade em canais de televisão e na internet, respectivamente. Uma crítica comum entre os participantes é em relação à qualidade da legenda, quando esse recurso é oferecido. A

legenda muitas vezes é automática e não acompanha a oralidade, além de apresentar muitos erros de português. Apenas uma pessoa respondeu que não sente falta de recursos de acessibilidade na televisão, mas ressaltou que falta melhorar o áudio em podcasts e em vídeos na internet. Os outros 20 afirmaram sentir falta tanto da legenda quanto de intérprete de Libras. Um participante respondeu que não assiste à televisão justamente pela ausência de acessibilidade. Esta mesma pessoa também diz que gostaria de ter acesso a podcasts na internet. Também a maioria dos respondentes disse sentir falta dos recursos na internet. Portanto, mesmo os novos meios comunicativos, que já foram criados na ambiência midiática, que nasceram na internet, não oferecem as tecnologias de tradução.

Ao perguntar se existe algum canal de televisão ou site que o participante considera exemplo de acessibilidade, sete disseram que não. Um deles comenta: “desconheço, pois não tem recursos de acessibilidade neste(s) canal(is) de televisão”; outro também diz: “não sinto acessibilidade em nenhum deles”. Outro entrevistado ressaltou que a emissora exemplo de acessibilidade era “a TV INES (site), mas uma pena que o desgoverno anterior (Bolsonaro) tirou esse site valioso para a comunidade surda”.

Outras respostas foram: “a melhor é a TV Cultura porque tem janela com intérprete de Libras”; “não assisto quase nada na TV. Só a TV Cultura tem intérprete. Desconheço sites na internet que têm intérpretes. Só páginas no Instagram”. E outro explica que usa aplicativo de tradução para assistir à programação. As respostas mostram que essa ausência de acessibilidade constrói o sentido de abandono, de invisibilidade e exclusão, ao perceberem que a programação não é produzida para eles.

Ao tratar das demandas de pessoas com deficiência auditiva, uma organização se destaca: o Instituto Nacional de Educação de Surdos, INES, localizado no Rio de Janeiro. Pioneiro na educação de surdos no Brasil, o INES é considerado uma referência na educação, profissionalização e socialização de pessoas surdas no país (Gomes; Santos, 2012). Diante da demanda de acesso à informação, o Instituto percebeu a necessidade de a comunidade surda ter garantido esse direito; reconheceu a importância dos mecanismos de mediação como transformadores de contextos socioculturais; e em 2013 criou um canal de televisão. A TV INES<sup>3</sup> foi a primeira TV 100% bilíngue e ficava disponível em sua plataforma virtual e no YouTube com acesso para surdos e ouvintes. A WebTV era vinculada ao Instituto Nacional de Educação de Surdos em parceria com a Empresa Brasil de Comunicação (EBC) e a

---

<sup>3</sup> A TV INES possuía como domínio o site <http://tvines.org.br/>, enquanto o Instituto tem como plataforma virtual o endereço eletrônico: <http://www.ines.gov.br/>.

Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto (Acerp). No entanto, suas atividades foram encerradas em março de 2021 por falta de verbas.

Ao criar a TV, o Instituto procurou atender a algumas demandas das pessoas surdas e às políticas de inclusão. Diferente das emissoras que as vezes utilizam janela com intérprete de Libras, na TV INES os âncoras apresentavam na Língua Brasileira de Sinais, havia uma locução em língua portuguesa e todo o conteúdo era acompanhado por legenda, a fim de integrar públicos surdos e ouvintes, seguindo o princípio do seu slogan: “Acessível sempre”. Também em sintonia com seu slogan, a equipe era composta por profissionais de televisão surdos, ouvintes, tradutores, intérpretes e outros profissionais do INES, de acordo com a filosofia da comunidade surda: “nada sobre nós, sem nós”.

Considerada uma referência na comunicação pública brasileira sob a perspectiva da inclusão, foi também a primeira emissora a transmitir os jogos da Copa do Mundo de Futebol para o público surdo. A TV INES foi, portanto, uma iniciativa que procurou dar voz às comunidades surdas e fortaleceu a transformação do INES em uma instituição midiaticizada, modificando as suas relações com os atores sociais a partir da apropriação de dispositivos tecnológicos acessíveis. O fim da TV INES foi uma perda para as pessoas surdas e para toda a sociedade que se preocupa com o acesso à informação, com a representatividade, com a inclusão de forma efetiva. Significou um grande retrocesso nas iniciativas de acessibilidade comunicativa, no debate inclusivo, no respeito à diversidade, na representatividade e na formação de cidadãos mais críticos.

Retomando as respostas do questionário, diante da pergunta 16: “qual programa de televisão você considera mais acessível?”, três participantes disseram que nenhum é acessível. As respostas estão na próxima tabela, que apresenta também as respostas da questão 17.

**Tabela 3.** Questões 16 e 17

<b>Participante</b>	<b>Programa mais acessível</b>	<b>Gênero</b>	<b>Recursos que oferecem</b>
1	Não vejo TV	N.R (não respondeu)	98% da programação é legendada
2	Sim, TV INES e cultura.	N.R	TV INES é direto em Libras e TV cultura tem intérprete de libras na janela.
3	Não assisto à tv	Não assisto à tv	Não assisto à tv
4	Record e Band jornal	N.R.	Sempre legenda mas tem falha
5	Jornais e BBB, mas assisto mais séries e filmes em todos os streamings	Reportagens e entretenimento	Mas nenhum programa tem recursos de acessibilidade em Libras. Maioria tem legenda, mas às vezes, possui falhas
6	Não	N.R.	Não
7	Band jornal ( tem interprete) vi no Youtube	Informação	A janela de intérprete
8	YouTube	N.R.	Legendado e Intérprete de Libras
9	Não tem programa	Não tem programa acessível	Não tem

Participante	Programa mais acessível	Gênero	Recursos que oferecem
	acessível		
10	Jornal da Cultura	Informação	Utiliza intérprete
11	Nenhum	Não assisto	Não assisto programas
12	Nenhum	Nenhum	Não tem
13	Jornal Visual e todos os programas da TV INES	No Jornal Visual é de informação. No TV INES é de informação e entretenimento.	Utiliza Libras e legenda em português
14	Nenhuma	Entretenimento	Filmes Netflix tem legenda devagar Tem janela interprete
15	Na minha primeira língua Libras, TV Cultura e TV INES	N.R.	
16	TV Futura e Rede Minas	Notícias	N.R.
17	Mesmo TV Cultura.	N.R.	Mesmo TV Cultura.
18	Sim, Globo, Netflix, Amazon	N.R.	Globo
19	Nenhum	Nenhum	Não sei
20	Política, aquele canal política que possui interprete de libras, único programa de televisão.	É de informação.	Interprete de libras.
21	não	N.R.	TV Brasil

**Fonte:** elaboração do autor

Quando “nenhum programa é acessível”, mostra a falta de preocupação das instituições de mídia com o receptor com deficiência auditiva e visual. Os interesses dos emissores estão relacionados com o posicionamento institucional e com o mercado; assim, esse mesmo mercado ignora as milhões de pessoas com deficiência como consumidoras.

Verón (2004) reforça a importância das representações sociais nos meios de comunicação, cuja influência na construção das identidades é cada vez mais significativa do que a influência da política. Segundo o autor, para o fortalecimento da democracia é fundamental assegurar a evolução das representações sociais considerando a complexidade da sociedade. Essa identificação com o que se vê representado tem resultado no consumo daquele produto, mas a preocupação com a diversidade deve ser percebida como uma questão social e prioritária em relação ao mercado concorrente.

Ainda no questionário, a partir da pergunta “quais recursos são importantes para você?”, todos os participantes disseram ser importante ter a legenda em português e intérprete de Libras em toda a programação e em todo conteúdo audiovisual. Seis destacaram a necessidade da legenda e três preferem a presença do intérprete de Libras. Os outros doze reforçaram que é fundamental que toda a programação tenha os dois recursos disponíveis.

Ao perguntar sobre a TV INES, onze assistiam e dez não. Na sequência, dentre aqueles que assistiam, todos consideram que os recursos utilizados pela TV são suficientes para que eles compreendam o conteúdo. Em todas as questões que a TV INES aparece, os

comentários são positivos. As únicas queixas são: não ter o canal na televisão aberta e, principalmente, o seu fechamento, que significou descaso e retrocesso no acesso das pessoas surdas ao direito à comunicação.

Para os que assistiam à WebTV, foi aplicada a seguinte questão: “qual a sua avaliação em relação à programação da TV INES?”. As respostas são: “melhor TV q eu assisti na vida”; “boa, porque para os surdos o natural é a Libras”; “foi maravilhoso e tem boa qualidade de transmissão de conteúdo”. Ainda referente à mesma pergunta, duas pessoas avaliaram com notas que foram oito e dez, que podemos entender como “muito boa” e “excelente”. As outras respostas são: “muito bem organizado, com excelente acessibilidade e temas variados”; “ótima”; “excelente”; “excelente produção! Só que não tem mais, cortaram, tiraram do ar”.

A TV INES, assim, era considerada a única TV que atendia às necessidades de acesso à comunicação da comunidade surda, com os programas em Libras e legenda e locução em português. O seu fechamento deixou as pessoas com deficiência auditiva sem um canal de referência para se manterem informadas e, assim, a maioria recorre às plataformas de redes sociais. Apenas a TV Cultura oferece também intérprete e legenda, mas a programação não é tão diversa quanto à da TV INES. Também na busca por legenda, alguns surdos preferem assistir a filmes e séries nas plataformas de streaming do que na televisão.

Percebe-se que a produção da TV INES, tanto em uma análise das técnicas quanto dos recursos utilizados, além do posicionamento discursivo dos enunciadores, se completa no reconhecimento. As expectativas do destinatário são atendidas nas estratégias enunciativas, na produção de sentido. Aquele era um espaço em que a comunidade surda procurava ter acesso a seus direitos à comunicação e informação, além da representatividade. E o discurso era produzido considerando esse coenunciador e suas demandas.

Assim, mesmo não perguntando para as pessoas surdas sobre um determinado programa, para analisar a produção e o reconhecimento de um produto específico, tentamos fazer aqui o que Verón (2004, p. 237) propõe: “tentar reconstituir, a partir do discurso dos receptores, as gramáticas de reconhecimento, que são sempre várias, pois é certo que um dado dispositivo de enunciação jamais produz um único efeito, mas sempre vários, conforme os receptores”. Pelos olhares de Verón (2004, p. 230), “a maneira de mostrar é tão importante, senão mais, quanto o que é mostrado”. Nesse sentido, a legenda, a imagem, bem como a linguagem apresentada, despertam a atenção do receptor e podem motivar uma participação mais ativa, transformando os sujeitos em coenunciadores daqueles discursos.

Voltando ao questionário, as duas próximas perguntas são relacionadas ao acesso à informação durante a pandemia de Covid-19. A questão 22 é: “para obter notícias sobre a

pandemia de Covid-19, onde você buscava informações?”. Os meios mais acessados para obter informações sobre a pandemia foram as redes sociais, com destaque para o Facebook, seguido por Whatsapp, Instagram e YouTube. O Google também foi um destaque entre as respostas e outra importante fonte de informação foi a família. Um participante comentou: “lia alguns textos na internet, mas tinha mais informações com a minha própria família e amigos”. Outra também contou que durante a pandemia, se afastou das redes sociais, não tinha computador e ficou com os pais. Assim, na ausência de acessibilidade na televisão, se informava por meio deles. Outro disse: “Informação de Covid na TV é impossível! Não confio muito. Tem muita fake. Como os surdos vão saber se é Fake ou Fato?” Importante essa observação, que levanta a discussão sobre a importância do acesso à informação durante a pandemia para a preservação da vida. Além da crise de saúde pública e humanitária, o país viveu ainda uma crise na comunicação com os boatos, a crescente desinformação e criação de notícias falsas.

Se os canais de televisão em geral não oferecem os recursos de acessibilidade necessários para a compreensão da mensagem, para o acesso ao sentido, e se esses mesmos canais transmitiam informações diferentes a partir de ideologias institucionais e políticas e, portanto, posicionamentos discursivos que se divergiam, tudo isso dificultava ainda mais o acesso à informação.

Seguindo esse debate, perguntamos para os participantes da pesquisa sobre a acessibilidade na cobertura da pandemia nos canais abertos de televisão, sendo eles: a TV Globo, a Bandeirantes, o SBT e a Record. Nessas questões, cada participante poderia dar uma nota de um a cinco para a acessibilidade de cada canal, em que indica uma nota de um, como péssimo, a cinco, como ótimo. Com exceção da TV Cultura, a nota “um” foi a mais comum para todos os canais, ou seja, a maioria avaliou como péssima a acessibilidade na cobertura da pandemia. A TV Cultura foi o único canal a receber nota cinco da maioria dos participantes.

A questão 24 traz a pauta da representatividade e pergunta se o respondente se sente representado na programação em geral. Quinze participantes disseram não se sentir representados, enquanto seis responderam que se sentem representados. Em sequência, a questão 25 procura saber: “o que você acha da representatividade ou da falta dela na programação televisiva (nas novelas, nos filmes, jornais, propagandas)?”. Apenas três pessoas disseram que não se sentem afetadas com a falta de representatividade. A partir das outras 18 falas, é possível observar que a pauta é importante para os participantes e que eles reconhecem a ausência de representatividade como um problema, como algo que poderia mudar. Eles dizem: “por exemplo, um ator ouvinte assumiu o personagem surdo para atuar na novela, mas isso não é representatividade”; “poderiam contratar atores surdos, nunca vi um

surdo brasileiro trabalhar em TV aberta”. Dois sujeitos da pesquisa lembraram de uma propaganda do Boticário e da novela *Malhação*, que tiveram um personagem surdo. Outro comenta: “propaganda pelo banco (Itaú) na TV, lembro que tinha vídeos com surdos/surdas/surdes que apresentam comunidade surda. Achei incrível essa experiência”.

As narrativas mostram também que o discurso de representatividade está relacionado com a acessibilidade, como destacam sete participantes: “todos jornais não têm janela de Libras, só TV Cultura tem”; “queria que tivessem legendas perfeitas”; “falta novela, filmes e jornais terem interpretação em Libras”; “precisamos de mais programas com intérprete”; “as legendas são ruins”; “acho que precisa incluir legendas e intérprete de Libras nos canais”; “falta de interesse ou reconhecimento do respeito à garantia de acessibilidade adequada ao público surdo brasileiro”. E representatividade é também reconhecer a diversidade surda, como ressalta este sujeito: “falta mostrar a diversidade surda, com surdos oralizados, que fazem leitura labial, que usam tecnologias auditivas e não se identificam com a Libras”.

A representação da deficiência na mídia costuma ser a partir de ideias preconcebidas que aumentam o estigma de incapacidade, de fraqueza, dependência e incentiva o capacitismo. Garcêz (2021) entrevistou Katie Ellis, pesquisadora de mídia e deficiência, que ressaltou que esse grupo social é representado a partir de uma visão estereotipada e discriminatória e esse preconceito segue para outros ambientes midiáticos, como nas plataformas de mídias sociais. Isso mostra qual a percepção que se tem delas e, normalmente, reflete falta de conhecimento tanto dos profissionais da comunicação quanto da sociedade em geral. Além dos preconceitos, a ausência de acessibilidade também está em todos os lugares. As tecnologias são subutilizadas, as pessoas com deficiência se mantêm à margem do discurso e a inclusão ainda não ocorre (Garcêz, 2021).

São muitas as violências que organizam a sociedade e algumas delas são a discriminação e a invisibilidade, que geram ainda a violação de direitos e o enfraquecimento da democracia, na medida em que aumentam as desigualdades e excluem grande parte da população. É importante entender as fissuras que mantêm lacunas nos processos comunicacionais e interacionais em uma sociedade midiaticizada. Essas lacunas constroem uma realidade social incompleta (Neves, 2016), o que reforça as lutas por poder, as desigualdades e os silenciamentos. É preciso assumir o papel de tentar mudar essas práticas discursivas que favorecem o desequilíbrio das relações de poder.

Em relação às legislações que se preocupam com o acesso ao direito à comunicação, 14 sujeitos disseram que conhecem as leis e sete responderam que não conhecem. Com base na resposta anterior, a pergunta seguinte foi: “se conhece as Leis, você acha que essas normas

são suficientes para que a população surda tenha acesso à informação, comunicação, cultura, através da televisão?”. As respostas mostram que há um avanço nas legislações, mas que elas não são cumpridas pelos meios de comunicação: “Leis existem, mas a maioria fica no papel”; “Não são utilizadas”; “Para mim, infelizmente os estúdios de TV e os influenciadores não seguem as normas de acessibilidade”; “Sim, a lei mostra os direitos que temos, mas desrespeitam a nossa lei”; “Essas normas mínimas são essenciais, porém são pouco divulgadas e fiscalizadas pelos órgãos competentes para garantir o direito à difusão de informação para os surdos usuários de Libras”.

A próxima questão tem o objetivo de conhecer as expectativas dos sujeitos da pesquisa em relação aos programas de televisão. Eles respondem: “não vejo TV, mas gostaria que os canais tradicionais e serviços de streaming fossem totalmente legendados”; dois ressaltam que os programas “precisam melhorar”. Outro explica que “é preciso ampliar a acessibilidade comunicacional como direito linguístico de surdos”. Outras respostas são: “ter acessibilidade nos filmes”; “que tenha mais legenda sem falhas e Libras”; “que venham sempre melhorar na acessibilidade para os surdos”; “que todos os programas tenham janela com intérprete de Libras”; “que tenha uma janela nos programas e que seja num bom tamanho”. Seis disseram não ter expectativa. Um explica: “nenhuma (expectativa), pois não apresentam evolução na questão de acessibilidade”.

As expectativas, portanto, variam e giram em torno da acessibilidade, participação e representatividade, que se relacionam com o capacitismo, como destaca este sujeito da pesquisa: “a Libras está tendo cada vez mais a visibilidade, devido à luta da comunidade surda. Mas creio que pode demorar mais ainda abrir a porta aos surdos trabalhar na TV por questão de preconceito, de não acreditar na capacidade dos surdos”. Portanto, aqueles comentários sobre a necessidade de ter atores surdos (e não ouvintes) interpretando personagens surdos vão ao encontro desta resposta, e produzem os sentidos de capacitismo, de exclusão, de inferioridade intelectual.

Diante do silenciamento e da invisibilidade, os participantes da pesquisa destacaram que não se sentem representados, já que os surdos não aparecem na programação; e que quando um personagem é surdo e o ator é ouvinte, isso não significa representatividade. Demonstraram, com isso, sentimento de exclusão, de ser considerado inferior intelectualmente, de não se sentir pertencente àquela realidade, de não se sentir parte do público para o qual aquele produto foi desenvolvido. Mesmo sentido produzido na ausência de acessibilidade. Quando não há acesso ao discurso, a mensagem que chega é a de que aquele produto não foi pensado para ele; que aquele receptor não é interessante para o produtor.

Verón (2004) explica que enunciação não é apenas o que é dito, mas sobretudo o modo de dizer - o que dizem, como dizem e para quem dizem. Na mesma perspectiva, Fausto Neto *et al.* (2010, p. 4) corroboram com esse pensamento ao ressaltar que “nos contratos enunciativos não são relevantes apenas as modalidades do dizer/mostrar, mas também os modos de reconhecer os receptores. O reconhecimento, por parte do receptor, influencia os modos de dizer do enunciador”. Para os sujeitos que participaram da pesquisa, essa relação ou esse contrato que “constrói a cumplicidade entre enunciador e destinatário” (Verón, 2004, p. 227) podia ser observado apenas na TV INES, onde os discursos eram construídos especialmente para um receptor ideal que, por sua vez, é surdo ou interessado pela cultura surda e buscava naquele ambiente midiático um espaço de acessibilidade e representatividade. O receptor ali esperava não só ter acesso à conteúdos acessíveis, mas também ser acolhido em suas expectativas sobre sua condição em relação à surdez e suas escolhas nas formas de se comunicar.

Como você se imagina daqui a dez anos? E como a televisão pode te ajudar a alcançar essas realizações? Como a televisão pode te ajudar no acesso aos seus direitos? Esta foi a última questão do formulário e tem a intenção de entender as perspectivas dos participantes e, a partir das respostas, procurar pensar em formas de contribuir para a redução das barreiras na comunicação e para uma vida em sociedade mais acessível, democrática, mais equitativa e diversa. A questão também mostra a percepção deles em relação à importância do direito à comunicação para o acesso a outros bens. A maioria das expectativas está no acesso à informação e, portanto, na acessibilidade.

Alguns comentários são: “se TV tiver intérprete de Libras, vou me sentir independente e com mais conhecimento da atualidade”; “eu estou sempre atrasado com as informações, quero saber como melhorar informação”; “os programas de televisão serão completos com acessibilidade em Libras e o povo surdo vai ficar satisfeito”; “tenho direito, eu preciso ter informação, é importante ter Libras”; “provavelmente estar completo na acessibilidade”; “colocando as legendas com calma e corretas”. Um dos participantes comenta:

creio que os canais abertos de alta audiência, assim como a Globo, não vão implementar acessibilidade em Libras. Pois na minha opinião precisa ao menos um canal de alta audiência para ser um modelo para dar um impacto e influenciar outros canais. Então, acho que daqui a 10 anos não poderá ter grandes mudanças em relação à Libras na TV.

Outro ressalta a necessidade de ter acesso à informação através dos telejornais:

Interessante pergunta, na televisão daqui a 10 anos, seria bom se tiver jornal focado na comunidade surda pra esclarecer e apresentar informações de forma clara, segura e confiável. Afinal, é de informação. Agora, imagina, surdo assiste o jornal na TV sem Libras e sem legendas...

Para a compreensão dos questionários, procuramos entender o que a comunidade surda deseja em relação aos meios de comunicação. O discurso dos participantes é sobretudo em relação à ausência de acessibilidade e de representatividade. Conseqüentemente, o desejo deles é de que todo conteúdo seja acessível e que eles possam ver pessoas surdas atuando na televisão e no cinema, mostrando que são capazes. Isso vale tanto para a televisão, quanto para a internet e o cinema.

Os participantes esperam ver as legislações relacionadas às pessoas com deficiência serem cumpridas, e muitas dessas Leis se referem ao acesso à informação e à cultura como fundamentais para o acesso aos direitos humanos e à cidadania. No entanto, apesar da expectativa, eles não acreditam que as indústrias de mídia irão cumprir com as normas de acessibilidade e modificar os seus discursos nos próximos dez anos. Os sujeitos também lamentam o fechamento da TV INES, a única 100% acessível para pessoas surdas. Sem ela, muitos não assistem à televisão por não haver recursos de acessibilidade.

A partir da análise do discurso, procuramos entender ainda quais os sentidos produzidos a partir da percepção dos surdos em relação aos temas abordados: ausência de recursos de acessibilidade; representatividade; acesso à informação. Como essa ausência de discurso e de acesso ao sentido têm afetado as pessoas que se mantêm à margem do direito à comunicação? Para além da recepção, se a interpretação depende também de repertório, de conhecimento prévio, como se dá a construção de sentido para pessoas que historicamente enfrentam desafios na educação, no acesso ao conhecimento, nas relações interpessoais e com as instituições?

A partir de tantas ausências (do direito à comunicação, de representatividade, de acessibilidade, de informação, de cumprimento das leis), alguns sentidos produzidos são a invisibilidade, a negação de realidade, de cidadania e exclusão, que são fomentados pelo capacitismo, pelo preconceito em relação às pessoas com deficiência. O capacitismo cria estereótipos, deixa de fiscalizar o cumprimento de leis e mantém as barreiras comunicativas por não considerar a existência dessas pessoas, de suas necessidades e a importância de sua participação na sociedade (Reis, 2025).

A partir do capacitismo, os meios comunicativos não se preocupam com essa parcela da sociedade (que somam mais de dez milhões de pessoas), e não investem em acessibilidade, participação e representatividade. O capacitismo reforça relações de poder e impregna os discursos produzidos pelos meios de comunicação, com reflexos na sociedade e no cotidiano. As construções de sentido e de realidade, assim, seguem permeadas de viés, produzidas por determinados enquadramentos e por poucas vozes.

Os discursos não são constituídos no vazio, mas sim em processos históricos e culturais, bem como a produção de sentido. Sujeito e sentido se constituem mutuamente nas relações e, portanto, o sentido não está dado, ele pode ser muitos. Orlandi (2007) ressalta que para o humano tudo precisa fazer sentido, o mundo precisa ser interpretado. Quando esse sentido é percebido como necessário pela sociedade, ele se torna possível; por outro lado, quando ele não é evidente, se mostra impossível porque não é considerado necessário historicamente.

Desse modo, na falta de acesso ao sentido, como o humano se vê? Como o sujeito constrói sua identidade, realidade, suas noções de mundo? Ao longo da história, as indústrias de mídia reverberam os preconceitos sociais e mantêm uma cultura hegemônica, que é também uma cultura de disputa de poder, de um discurso permeado de preconceitos. Essa cultura entende o consumidor de bens simbólicos como pessoas sem deficiência. Com o avanço das tecnologias, esse preconceito se estende para a internet, para as redes sociais, para a produção de notícias que, por sua vez, está cada vez mais nos portais e nas plataformas de redes sociais. As pessoas com deficiência, portanto, precisam disputar territórios e lutar por seus espaços de fala (Bonito, 2016).

Seja pela dominação ou pela resistência, é pela historicidade que se pode encontrar todo um processo discursivo marcado pela produção de sentidos que apagam coletividades, excluem as pessoas com deficiência da história do Brasil. Elas não deixam de existir e de significar em nossa história, mas continuam sem ser ouvidas e se mantêm à margem de muitos de seus direitos. O silêncio possui aspectos culturais, ideológicos, políticos e históricos. Devemos, portanto, perguntar sistematicamente o que um determinado discurso cala.

Se o silêncio é o real do discurso, parece fundamental compreender o que ele significa, quais os seus sentidos para uma população que se mantém invisível. Os efeitos de sentido são parte de nossa constituição, de nossa forma de significar o mundo, de nos relacionarmos com as coisas e com as pessoas, da construção de nossas identidades. Sendo assim, as desigualdades nas relações de poder, que se mantêm hierarquizadas mesmo em uma sociedade

mediatizada, reforçam os silenciamentos, a opressão e os preconceitos através de discursos que refletem a sociedade como ela é.

Fairclough (2001) ressalta a importância da democratização do discurso para a redução das desigualdades. Se os sentidos compartilhados são dominantes ou hegemônicos a partir da produção de um grupo social em uma sociedade que é constituída por diversidades, entende-se que mesmo em uma ambiência mediatizada, poucos sentidos estão circulando, o que contribui para manter entre poucos o poder de fala. Essa pode ser uma tentativa de um lado, de homogeneizar discursos, pessoas, necessidades; e de outro lado, de apagar grupos sociais através do esquecimento de suas necessidades, realidades, de seus sentidos e direitos.

Com tudo isso, observa-se que não basta a existência das leis e das tecnologias para que as rupturas aconteçam, para a democratização da comunicação e a redução das desigualdades. São contextos históricos marcados por exclusão e pensamentos hegemônicos, que procuram manter as hierarquias, desconsiderando que os problemas sociais são de responsabilidade de todos e que a ausência de acessibilidade é uma violação de direitos (Fernandes, *et al.*, 2020).

Mais do que ter acesso aos meios comunicativos, as pessoas com deficiência devem também ter participação nesses espaços; devem ter garantido o seu lugar de fala; precisam se apropriar dos ambientes mediatizados como receptores e produtores de conteúdo (Siqueira, *et al.*, 2014). A ambiência mediatizada pode se apresentar como um caminho de acesso à cidadania, na medida em que os sujeitos têm conhecimentos necessários para fazer dela uma comunicação comunitária, democrática, em que mais vozes são ouvidas. No entanto, a existência de uma ambiência como a internet, por exemplo, que foi criada com o objetivo de contribuir com a democratização da comunicação e que permite uma maior produção de conteúdo, não garante que você seja visto ou que sua voz será ouvida. Tampouco garante o acesso para todos, sobretudo o acesso ao sentido.

#### **4 Considerações finais**

A cidadania passa por uma participação mais consciente nos meios audiovisuais. Para analisar a sociedade, é preciso considerar os meios de comunicação e as transformações sociais que eles provocam nas práticas sociais. Portanto, foi fundamental ouvir as vozes que normalmente são silenciadas a fim de entender se as ferramentas utilizadas e os temas abordados nos meios de comunicação atendem às expectativas e às demandas de inclusão,

acessibilidade, de acesso à informação e à cultura; se representatividade importa e quais as consequências da ausência de tudo isso.

Com o objetivo de compreender a percepção de pessoas surdas em relação à acessibilidade (ou à ausência dela) nos meios de comunicação e como isso interfere nas condições de recepção e produção de sentido, este estudo contemplou uma pesquisa de campo que foi aplicada com pessoas surdas através de um questionário bilíngue, considerando a Libras e a língua portuguesa. A partir da percepção dos participantes da pesquisa, foi possível compreender que, apesar da existência de legislações que procuram garantir o direito à comunicação para todas as pessoas e, para isso, decretam que os meios de comunicação têm a obrigatoriedade de oferecer recursos de acessibilidade em toda a programação televisiva e nos portais do governo; apesar dos avanços tecnológicos que poderiam contribuir com uma acessibilidade efetiva nos meios comunicativos; e ainda apesar da internet ter sido desenvolvida com a premissa de uma maior democratização no acesso, as iniciativas são raras e as pessoas com deficiência auditiva permanecem excluídas do discurso e do processo comunicacional. Sem acessibilidade, sem representatividade e sem serem ouvidas, suas vozes são silenciadas e muitos de seus direitos não são garantidos.

O único meio de comunicação que atendia à essas demandas foi a TV INES, que encerrou suas atividades em 2021 por falta de verba. Os participantes da pesquisa demonstraram que a TV INES era de fato a única emissora acessível, com conteúdos variados e que combatia os estereótipos a partir da representatividade e de um discurso inclusivo.

As questões apresentadas no questionário se revelaram como produtoras de sentidos. E esses sentidos são os de invisibilidade, exclusão, negação de realidade e de cidadania, que são fomentados pelo capacitismo. A pesquisa mostrou que a complexidade da sociedade demanda um olhar com respeito à diversidade; que as características e subjetividades de cada indivíduo extrapolam os estereótipos; e que suas identidades não podem ser limitadas às formas como têm sido representadas. É urgente uma ruptura desse processo para a construção de uma sociedade mais inclusiva, atenta aos direitos humanos e à participação cidadã.

## Referências

BONITO, M. A problematização da acessibilidade comunicativa como característica conceitual do jornalismo digital. **Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 175-193, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/download/28307/15161/61526>. Acesso em: 12 fev. 2026.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FAUSTO NETO, A. *et al.* (Re) Visitando os conceitos de contrato de leitura: uma proposta de entendimento dos pontos de vínculo entre emissor/receptor da sociedade dos meios para sociedade midiaticizada. *In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL*, 11., 2010, Novo Hamburgo. **Anais** [...]. Novo Hamburgo: Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0118-1.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2026.

FERNANDES, E. M.; MONTEIRO, F. V.; OLIVEIRA, A. G. de. Acessibilidade educacional, comunicacional e social em tempos de pandemia: desafios e perspectivas. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6, n. esp., p. 245-263, jun./out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/riae.2020.51912>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/51912>. Acesso em: 12 fev. 2026.

GARCÊZ, R. L. Entrevista com Katie Ellis. **Revista Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 15, p. 38-43, 2021.

GOMES, R. C.; SANTOS, E. Ciberativismo surdo: em defesa da educação bilíngue. **Revista Teias**, [s. l.], v. 13, n. 30, p. 143-166, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24275>. Acesso em: 12 fev. 2026.

NEVES, M. Cidadania em um mundo conectado. *In: PROULX, S.; FERREIRA, J.; ROSA, A. P. da (org.). **Midiatização e redes digitais**: os usos e as apropriações entre a dádiva e os mercados*. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2016. p. 233-249.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

REIS, J. L. B. **A acessibilidade dos surdos ao direito à comunicação a partir dos processos de mediatização**: o percurso e o discurso da TV INES. 2025. 349 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2025.

SIQUEIRA, J. M.; EVANGELISTA, A. F.; BELARMINO, J. Jornalismo, Conferência Nacional de Comunicação e Acessibilidade: Apontamentos para Reflexão. *In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE*, 16., 2014, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: Intercom, 2014. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-1241-1.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2026.

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. Tradução de Vanise Dresch. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

VERÓN, E. L'analyse du contrat de lecture: une nouvelle méthode pour les études de positionnement des supports presse. *In: **Les médias, expériences, recherches actuelles, applications***. Paris: IREP, 1983. p. 203-229.

VERÓN, E. Les médias en réception: les enjeux de la complexité. **Médiaspouvoirs**, Paris, n. 21, p. 166-172, jan./mar. 1991.

**Data de submissão:** 10/04/2025

**Data de aceite:** 18/07/2025